



Desenhar e registrar: a criação coreográfica com crianças pequenas

Drawing and recording: choreographic creation with young children

Dibujo y grabación: creación coreográfica con niños pequeños

Maria Clara Rabelo Jaime 

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. 

mariaclararabelojaime@gmail.com

Andrea Cristina Santos 

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. 

andreasantos11@gmail.com

Letícia Cristina Lima Moraes 

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. 

letismoraes96@gmail.com

Soraya Corrêa Domingues 

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. 

correadomingues@ufpr.br

Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima 

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. 

leticia.queiroz@ufpr.br

10.31668/praxia.v6i0.14624 

Resumo: Refletir sobre as possibilidades de composição coreográfica para crianças é de extrema importância para gerar repertório de atuação dentro de uma possível manifestação da Ginástica para Todos (GpT): as coreografias. Nesse sentido, o seguinte trabalho busca apresentar uma proposta de construção coreográfica para crianças de três a cinco anos que tenha como base a criatividade, autonomia, protagonismo, participação e formação humana. Tal empreitada inicia nas atividades do Projeto de Extensão “Artes Circenses e Ginástica como possibilidade de formação de professores na UFPR” de análise descritiva construída por meio de relato de experiência. A experiência apresentada é dividida em quatro momentos que convergem no desenhar como suporte para a composição coreográfica: Exploração e Vivência; Escolha de movimentos; Desenho e Registro; Ensaio. Desse modo, observa-se que a experimentação com posterior registro por desenhos pode se considerar um mecanismo viável que permite o estímulo ao protagonismo de cada criança.

Abstract: Reflecting on the possibilities of choreographic composition for children is extremely important to generate a repertoire of performance within a possible manifestation of Gymnastics for All (GfA): choreographies. In this sense, the following research seeks to present a proposal of choreographic construction for children from three to five years old that is based on creativity, autonomy, protagonism, participation and human formation. This endeavor begins in the activities of the Extension Project "Artes Circenses e Ginástica como possibilidade de formação de professores na UFPR" through descriptive analysis constructed through experience reports. The experience presented is divided into four moments that converge in drawing as a support for the choreographic composition: Exploration and Experience; Choice of movements; Design and Registration; Essay. Thus, it is observed that experimentation with subsequent recording by drawings can be considered a viable mechanism that allows the stimulation of each child's protagonism.

Palavras-chave:

Crianças.
Construção coreográfica.
Desenhos.
Extensão universitária.

Keywords:

Children.
Choreographic construction.
Drawings.
University extension.



Palabras clave:

Niños.
Construcción coreográfica.
Dibujos.
Extensión universitaria.

Resumen: Reflexionar sobre las posibilidades de la composición coreográfica para niños es sumamente importante para generar un repertorio de actuación dentro de una posible manifestación de la Gimnasia para Todos (GpT): las coreografías. En este sentido, el siguiente trabajo busca presentar una propuesta de construcción coreográfica para niños de tres a cinco años que se basa en la creatividad, la autonomía, el protagonismo, la participación y la formación humana. Este empeño se inicia en las actividades del Proyecto de Extensión "Artes Circenses e Ginástica como possibilidade de formação de professores na UFPR" a través de un análisis descriptivo construido a través de relatos de experiencia. La experiencia presentada se divide en cuatro momentos que convergen en el dibujo como soporte de la composición coreográfica: Exploración y Experiencia; Elección de movimientos; Diseño y Registro; Ensayo. Así, se observa que la experimentación con el registro posterior mediante dibujos puede considerarse un mecanismo viable que permite la estimulación del protagonismo de cada niño.

Introdução

Uma das possibilidades de síntese dos conhecimentos obtidos em grupos de Ginástica para Todos (GpT), dentre eles aqueles derivados de Projetos de Extensão, são as apresentações/composições coreográficas, sejam estas em festivais e/ou apresentações de encerramento. Segundo Toledo, Tsukamoto e Carbinatto (2016), a composição coreográfica delimita uma das características que definem essa manifestação corporal. Além de definir a prática, consagra-se como um eixo importante que promove outros fundamentos da GpT como as relações sociais, a inserção de elementos da cultura e a formação humana (Scarabelim; Toledo, 2015).

Conforme Carvalho e colaboradores (2021, p. 3), “Apesar da CC [Composição Coreográfica] não ser obrigatória para grupos de GPT, ela é compreendida por muitos como um processo pedagógico importante que culmina em um “resultado final” ou em um “produto” – a coreografia em si”. Enquanto isso, Lopes, Ninquini e Leal (2023, p. 109), sobre as atividades de extensão voltadas à GpT, afirmam que “[...] a composição coreográfica de GPT refere-se ao conhecimento produzido pelos sujeitos envolvidos na ação pedagógica – resultado de todas as atividades desenvolvidas no projeto”. Ainda, Santos e colaboradores (2018) afirmam que tanto o processo de construção como a apresentação são momentos que devem ser valorizados por desenvolver características particulares.

De modo geral, as composições coreográficas possuem um amplo rol de métodos, processos e procedimentos que possibilitam sua criação e apresentação final (Marques; Xavier, 2013). No entanto, o planejamento desses processos deve estar atrelado à identificação das particularidades do público presente naquele contexto, suas demandas e desenvolvimento. Para Lopes, Niquini e Leal (2023), a composição coreográfica deve estar permeada de critérios metódicos que partem de referências de pesquisa, experiências e reflexões.

Contudo, Carvalho e colaboradores (2021) afirmam que mesmo com sua importância frente a GpT, a produção científica sobre a temática ainda não é expressiva e deve ser potencializada para contribuir para a evolução da GpT e em possibilidades teórico-práticas para as composições coreográficas. Nesse sentido, e consoante com Antualpa e colaboradores (2021, p. 4), apontamos que

[...] o registro das coreografias e de seus processos de elaboração podem vir a auxiliar professores(as) e praticantes a identificar as inúmeras possibilidades da GPT, seus desafios, possibilidades e dinâmicas de diferentes grupos e localidades do país.

Desse modo, pensar possibilidades que valorizam e permitam o processo coreográfico é de extrema importância para gerar repertório de atuação, discussão e análise. Além desse aspecto, a composição coreográfica deve visar o sujeito criativo, autônomo, protagonista e participativo, contribuindo para a formação humana (Scarabelim; Toledo, 2015). Nessa conjuntura, os(as) participantes da coreografia devem ser vistos como sujeitos ativos durante a ação de compor, tornando-a um ato educativo (Lopes; Niquini; Leal, 2023). Os sujeitos devem (re)conhecer os saberes e (re)construir os conhecimentos coletivos.

Dessa forma, dentro do Projeto de Extensão “Artes Circenses e Ginástica como possibilidade de formação de professores na Universidade Federal do Paraná (UFPR)” buscou-se abordar a composição coreográfica para crianças pequenas de três a cinco anos em GpT, de modo que respeitasse a individualidade dessa faixa etária. Entretanto, essa tarefa constitui um desafio, visto que, para além da apresentação para o público externo/pais e responsáveis, essa composição representa o conjunto de aprendizados e avanços produzidos ao decorrer das ações extensionistas e deve/pode também ser elemento avaliativo do desenvolvimento da turma no decorrer do ano dentro das atividades propostas.

Posto isso, a presente pesquisa partiu de questionamentos coletivos e baseado em vivências práticas, buscando responder à pergunta central: como construir uma coreografia com as crianças pequenas que tenha como base os princípios supracitados e leve em consideração o contexto mencionado? Assim, o objetivo do artigo é apresentar uma proposta de construção coreográfica para crianças de três a cinco anos que tenha como base a criatividade, autonomia, protagonismo, participação e formação humana.

Esse estudo pode contribuir para um maior debate sobre composição coreográfica na GpT, visto que, conforme sinalizado por Carvalho e colaboradores (2021), ainda são incipientes e não aprofundam as reflexões acerca dos elementos constituintes. Além disso, a partir das produções analisadas na revisão das autoras, é observável que as publicações tendem a não focar no público infantil, podendo a presente pesquisa contribuir para o avanço do conhecimento sobre aspectos práticos e teóricos envolvidos nesse processo com crianças pequenas.

Composição Coreográfica na Ginástica para Todos

De acordo com Menegaldo e Bortoleto (2020), a GpT, além de outras características, é uma manifestação que apresenta uma produção científica fundamentada. Entretanto, Carvalho e colaboradores (2021) afirmam que as pesquisas científicas em composição coreográfica ainda não são expressivas, por mais que

diversos autores(as) defendam a criação e execução de coreografias na GpT a partir de objetivos diversos. Em complemento, Santos e colaboradores (2018) apresentam que tanto as composições como as apresentações coreográficas são defendidas pela maioria dos estudos em GpT por permitirem o desenvolvimento da coletividade e do caráter educativo, princípios da prática, devendo ser valorizadas enquanto momentos de construção e apresentação independente da amplitude do evento alvo.

Com base em Carbinatto e Furtado (2019), a criação de uma coreografia em GpT está condicionada aos objetivos do grupo, não sendo um elemento obrigatório para a continuidade da prática. Entretanto, esse processo desenvolve elementos indispensáveis e intrínsecos à GpT, como a coletividade (Carbinatto; Furtado, 2019). Em concordância com o exposto, Scarabelim e Toledo (2015) consideram as composições coreográficas um meio importante para valorizar e disseminar a GpT, além de ser uma das bases dessa manifestação cultural.

Menegaldo e Bortoleto (2020) descrevem as potencialidades da GpT a partir de sua vertente não competitiva que a torna acessível, flexível e heterogênea, destacando seu potencial pedagógico, caráter coletivo e criativo. Neste caso, um dos caminhos para explorar o potencial criativo se expressa por meio de composições coreográficas com tematizações atreladas às discussões e necessidades do grupo.

Além disso, conforme Carvalho e colaboradores (2021), as composições coreográficas são um fenômeno artístico de importância na GpT devido ao seu caráter demonstrativo. Desse modo, sua construção apresenta diferentes possibilidades, uma vez que não é interpelada por elementos obrigatórios pré-definidos, como as modalidades gímnicas competitivas (Carvalho *et al.*, 2021). Em decorrência desse fato, diversas são as possibilidades metodológicas de criação coreográfica em GpT que corroboram para o caráter flexível, plural e heterogêneo da prática (Silva, 2013).

Ainda como parte da valorização da composição coreográfica, Silva (2013) considera as coreografias como síntese de aprendizado dos conhecimentos desta prática, onde as coreografias são produtos recorrentes da GpT (Patrício; Carbinatto, 2021). No entanto, é importante considerar, conforme aponta Ayoub (2003), que essa possibilidade de manifestação deve ser vista como produto conectado ao processo de execução das atividades que antecedem a apresentação.

Segundo Marques e Xavier (2013), montar uma coreografia é uma tarefa complexa por existir um conjunto de métodos e procedimentos para sistematizar e organizar os elementos em uma proposta coreográfica. Sob esse viés, cada ação coreográfica é pensada e elaborada por um conjunto de escolhas condizentes com o objetivo dos envolvidos (Marques; Xavier, 2013), não existindo um padrão único de composição. Para Carbinatto e colaboradores (2023), em uma proposta de ensino-



aprendizagem fenomenológica, o participante deve ser protagonista das suas ações, promovendo autonomia e motivação para aprender, o que se expressa nos trajetos para a composição coreográfica, nos quais o(a) participante se apropria da coreografia e se torna sujeito ativo. Portanto, sua participação na construção e viabilização da coreografia vai além de simples repetições mecânicas.

Nesse contexto, diversas experiências estudadas e relatadas contribuem para a compreensão desse processo de composição coreográfica (Antualpa *et al.*, 2021; Corrêa *et al.*, 2021; Sousa; Reis, 2016; Oliveira; Meirelles, 2021). Essas experiências suscitam reflexões sobre os processos coreográficos que atendem às necessidades e características da prática, associadas ao contexto de inserção e às particularidades dos envolvidos. Além disso, diferentes instrumentos são criados e avaliados como potencializadores desta ação, como o uso de fichas analíticas (Scarabelim; Toledo, 2015) ou diagramação das formações (Rocha, 2001).

Dentro desse panorama, a reflexão sobre a composição coreográfica em GpT para crianças emerge como um desafio, proporcionando a proposição, análise e avaliação de novas abordagens (Marques; Xavier, 2013). Esse contexto de atuação pode ser explorado por Projetos de Extensão, os quais desempenham um papel crucial na valorização da GpT, assim como na formação acadêmica e docente (Bahu; Carbinatto, 2016).

Quando nos voltamos à composição coreográfica para crianças, é crucial, conforme apontado por Almeida e Andrade (2016, p. 18), transcender o senso comum:

[...] destacamos a necessidade de que esse processo abranja o lúdico e possua um propósito, uma intenção; que pode estar relacionado à investigação e concepção de movimentos para a composição de um espetáculo, de uma cena, entre outras finalidades que podem se alterar conforme a situação planejada pelo professor em diálogo com as crianças.

A partir desse princípio, Rosa e colaboradores (2013), por meio de experiências na Escolinha de Iniciação à Ginástica do Laboratório de Ginástica – LABGIN, no Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), afirmam que o(a) professor(a) deve ser mediador(a) e a composição coreográfica deve ser participativa, permitindo que as crianças apresentem seus avanços e seus conhecimentos, sendo que a exploração inicial é de extrema importância para a motivação e estímulo. Por fim, dada a complexidade do fenômeno apresentado, propor outras possibilidades de criação coreográfica para crianças é necessário e indispensável.

Aspectos metodológicos

Para a efetivação do objetivo proposto para a investigação, realizou-se a análise dos relatos de experiência de alunos(as) monitores(as)/professores(as) do Projeto de Extensão denominado “Artes Circenses e Ginástica como possibilidade de formação de professores na Universidade Federal do Paraná (UFPR)”.

No contexto da formação de professores(as), os relatos de experiência assumem um papel fundamental. Os relatos não são meros registros, mas instrumentos valiosos que elucidam as concepções dos seus(suas) autores(as), convidando à análise crítica, tomada de posição e, sobretudo, à discussão (Suárez, 2011). Ao materializar o testemunho daqueles que colocam em prática os conhecimentos adquiridos, os relatos se transformam em produções passíveis de investigação e crítica, provocando uma revisão profunda do olhar sobre o fazer pedagógico e os saberes docentes (Neira, 2017).

Os relatos de experiências, que se pautam em propostas pedagógicas, tendem a culminar em maior consciência e compreensão das práticas e processos acerca das experiências vivenciadas pelos(as) autores(as), resultando em reflexões das ações tomadas, sendo estas ferramentas ricas para o trato com a Ginástica em suas diferentes manifestações e contextos (Maldonato; Soares, Schiavon, 2019).

De modo geral, o Projeto de extensão supracitado é coordenado por duas professoras da Universidade com a participação de acadêmicos do curso de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da referida instituição. Seu objetivo principal é promover e desenvolver a GpT em suas diversas formas de manifestação. As atividades são direcionadas a crianças de três a doze anos, em duas turmas divididas por idade (três a cinco e seis a doze anos). A carga horária varia entre uma e duas horas semanais, dependendo da faixa etária, sendo realizadas no período da manhã ou da tarde.

Em específico, este estudo teve como base o primeiro semestre letivo de 2023, considerando as ações realizadas entre março e agosto, as quais culminaram no festival de encerramento final ocorrido em 29 de junho de 2023. Ainda, considerou-se as atividades destinadas à turma de três a cinco anos do período da manhã, que contemplava um encontro semanal de uma hora cada. As atividades para essa turma são mediadas por duas acadêmicas estudantes do curso de Educação Física da UFPR.

Com base no exposto, a coreografia de GpT para a referida turma foi concebida a partir de desenhos e figuras produzidas e escolhidas pelas crianças participantes, após um processo de experienciar os movimentos propostos pelos(as) acadêmicos(as) responsáveis. A análise dos desenhos elaborado pelas crianças foi



realizada por meio da observação dos elementos constituintes e descrição das crianças acerca dos mesmos (Milani, 2020).

Para a análise descritiva, este trabalho será apresentado em quatro momentos, em decorrência das fases do processo pedagógico planejado e em conformidade com os relatos de experiência: (1) Exploração e Vivência; (2) Escolha de movimentos; (3) Desenho e Registro; (4) Ensaio.

Análise e discussão

Dentro do processo de criação coreográfica, com base em Marques e Xavier (2013), compreende-se que existe um conjunto de métodos e procedimentos que modificam a organização dos elementos dentro de uma coreografia. Desse modo, segundo as autoras, não é possível estabelecer um padrão único e inquestionável sobre essa ação, visto que existem caminhos distintos e válidos dentro de cada contexto (Marques; Xavier, 2013).

Entretanto, reconhecer, analisar e avaliar essas possibilidades é essencial para gerar repertório e experiências dentro da vertente da composição coreográfica. Desse modo, respeitar a individualidade de cada grupo e contexto torna-se essencial para um processo coerente.

Portanto, ao abordar a composição coreográfica para crianças, Rosa e colaboradores (2013) afirmam que o(a) professor(a) deve atuar como mediador(a), agindo em prol da criatividade da criança, que deve ser participante ativa desse processo. Nessa perspectiva, a composição coreográfica que coloca a criança como protagonista, além de desenvolver atitudes e aprendizados sobre a GpT, evidencia os conhecimentos assimilados e valorizados por esses sujeitos (Rosa et al., 2013).

Desse modo,

A coreografia pode ser um meio interessante de criação, desde que, as crianças participem do processo e não sejam apenas reprodutoras de modelos focados em aquisição de habilidades, criados exclusivamente por seus professores. A criação de uma coreografia deve ser apresentada como uma proposta baseada em conhecimentos anteriores, advindos das vivências, na qual, se coloca a criança como protagonista no processo de construção dos conhecimentos (Almeida; Andrade, 2016, p. 18).

Com base nessas considerações, a composição coreográfica do Projeto de Extensão “Artes Circenses e Ginástica como possibilidade de formação de professores na Universidade Federal do Paraná (UFPR)” teve como processo metodológico quatro passos sequenciais, porém interligados, que condizem com as necessidades desse público: (1) Exploração e Vivência; (2) Escolha de movimentos;

(3) Desenho e Registro; (4) Ensaio. Cada passo foi subsidiado por planos de aula específicos, registrados por meio de relatos de experiência e será descrito a seguir.

Exploração e Vivência

De modo geral, a GpT é balizada por movimentos que exploram as possibilidades e limites corporais. Para Santos e colaboradores (2018), diferentes princípios e fundamentos identificam essa prática, mas mesmo com a ampla liberdade da GpT, sua base enquanto manifestação gímnica são os movimentos característicos das ginásticas.

Diferentes autores(as) classificam e discorrem sobre as possibilidades de movimentações gímnicas. Entretanto, para as ações do Projeto de extensão abordado, a proposta baseada na biomecânica do movimento estudada por Russel (2010) foi essencial. Segundo o autor, existem Padrões Básicos de Movimento (PBM) que podem ser divididos enquanto características biomecânicas e se dividem em: posições estacionárias, saltos, deslocamentos, rotações, balanços e aterrissagens (Russel, 2010). Explicitados por Santos e colaboradores (2018, p. 455), esses PBM

[...] devem ser trabalhados isoladamente em sua totalidade, variando as posições corporais, os espaços e/ou equipamentos utilizados, as direções, intensidades, individualmente ou em grupo; para que, somente depois de automatizados de forma que sejam executados com segurança, possam ser desenvolvidas combinações entre eles, o que possibilita a aprendizagem de habilidades complexas dos diferentes tipos de ginástica.

Sob esse viés, as atividades do Projeto são estruturadas a partir de um macrociclo geral que organiza a continuidade das atividades. Esse macrociclo tem como base os seis PBM mencionados anteriormente, de modo que em cada encontro são enfocados o trabalho com um ou dois padrões. Nesse sentido, os planos de aula são construídos com o objetivo de desenvolver o PBM correspondente, juntamente com o estímulo às capacidades físicas e aos aspectos socioeducacionais e histórico-culturais.

Portanto, ao longo do semestre, as crianças foram direcionadas e mobilizadas a realizar diversas possibilidades desses movimentos, e de maneira gradual e contínua, revisitavam essas ações para lembrá-las e aperfeiçoá-las. Esse percurso está alinhado com Contessoto e colaboradores (2021), que destacam que as potencialidades da GpT possibilitam o aprendizado de novas técnicas corporais. Ao se exporem às práticas gímnicas, exploram “possibilidades do corpo, de materiais e de usos do espaço” (p. 61), permitindo a construção de um repertório comum para o próprio grupo.



Esse repertório comum proporciona avanços nos movimentos por meio de uma linguagem comum produzida pelo grupo, além de fortalecer os vínculos sociais presentes no contexto (Contessoto *et al.*, 2021). De acordo com Roble (2003), a construção de uma linguagem corporal própria na ginástica é um mecanismo que caminha a favor da inclusão, onde a participação do indivíduo se dá pelo pertencimento ao grupo, por meio da construção de uma linguagem comum. Em complemento, Marcassa (2004) defende a ginástica como uma linguagem corporal que deve passar por um processo metodológico que avance com essa gestualidade gímnica.

Além disso, a construção dos planos de aula desta fase do processo objetiva moldar elementos significativos e particulares à turma. Em específico, serão citadas duas ações distintas que contribuem para a fase de exploração e vivência: o uso de desenhos e os sons do violão. Sob essa perspectiva, considera-se que a efetividade do processo/método de construção coreográfica, aqui descrito, permeia todas as ações anteriores das atividades que geram algum grau de envolvimento, motivação e conhecimento.

Ou seja, ao longo do semestre, o uso do desenho foi incorporado diariamente com a pergunta: “O que você quer desenhar da aula de hoje?” e servia como instrumento avaliativo das atividades gerais do Projeto. De modo geral, a escolha por esse instrumento diário parte da concepção de que o desenho representa o universo infantil a partir das suas interações com o outro e com o meio, sendo possível interpretá-los de acordo com a realidade infantil. Dessa maneira, o ato de desenhar “é falar em desenvolvimento, aquisição de conhecimentos, construção de conceitos, organização de ideias, formulação de opiniões, capacidade intelectual e de comunicação” (Correia; Lucena, 2016, p. 5).

Ainda, durante as aulas, ocorreu a proposta de criação de uma mascote, o violão. De modo geral, o violão, nomeado de “Seu Vi”, era utilizado em diversas atividades, produzindo sons que condicionaram o andamento da tarefa. Essa abordagem foi utilizada para relacionar as atividades da ginástica com os elementos de som e ritmo, além de introduzir o imaginário musical da coreografia final. Segundo Muller e Tafner (2007), o ritmo é vital e o seu desenvolvimento por meio de brincadeiras e atividades lúdicas, entre os três e seis anos de idade, é fundamental para o desenvolvimento integral da criança.

Com base nos planos de aula e nos relatos de experiência, foi perceptível que as crianças experienciaram movimentos específicos com variações e derivações que asseguraram um repertório comum na turma. Por meio das atividades lúdicas desenvolvidas e de um processo de exploração/vivência e reforço dos conhecimentos, elas construíram um rol de movimentos dentro dos PBM almejados. Além disso, as

crianças já foram incentivadas a identificar padrões de música e interiorizar o uso de desenhos como forma de sistematizar os acontecimentos. Em decorrência dessas características, inicia-se o segundo estágio proposto, a escolha dos movimentos.

Escolha de Movimentos

Como descrito, ao final das atividades de exploração de movimentos (Estágio 1), dentro de cada padrão estabelecido, espera-se que as crianças tenham desenvolvido um conjunto de habilidades que as permitissem progredir nas técnicas corporais dos movimentos objetivados. Desse modo, o reforço de alguns movimentos era mediado, juntamente com o aprendizado do nome técnico e específico daquela ação.

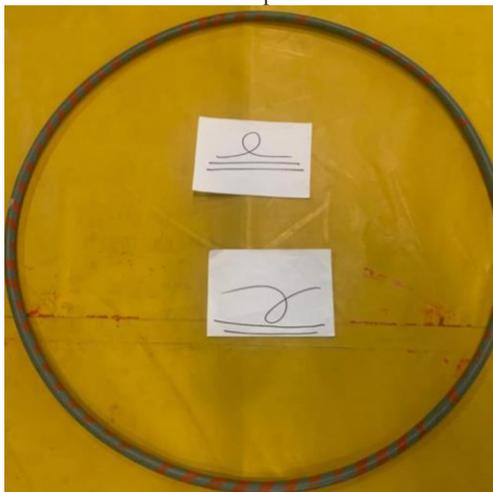
Para associar a exploração de movimentos com o processo de construção coreográfica, foram selecionados quatro padrões básicos e algumas ações específicas dentro de cada um deles. Esses padrões foram escolhidos previamente pelas acadêmicas mediadoras com base em avaliações da turma, a partir de observações e da interpretação dos desenhos.

Desse modo, foram propostos os movimentos de rotações (rolamento para frente e rolamento para trás); saltos (estendido, afastado e grupado); posições estacionárias de equilíbrio (prancha, passé e equilíbrio sentado); e deslocamentos de acordo com a quantidade de apoios (um apoio, dois, três e quatro). Além da nomeação técnica de cada uma dessas possibilidades, foram atribuídas representações gráficas específicas, condizente ou não com as representações oficiais das modalidades gímnicas de competição.

Essa etapa do processo permitiu consolidar o aprendizado de movimentos distintos e viabilizar sua presença na coreografia. Para que a criança participe do processo de composição, é essencial que ela estabeleça relações e internalize um conjunto de possibilidades de ação. Segundo Santos e colaboradores (2018), abordar e construir conhecimentos acerca de movimentos específicos contribui para o desenvolvimento de habilidades mais complexas ao longo do tempo.

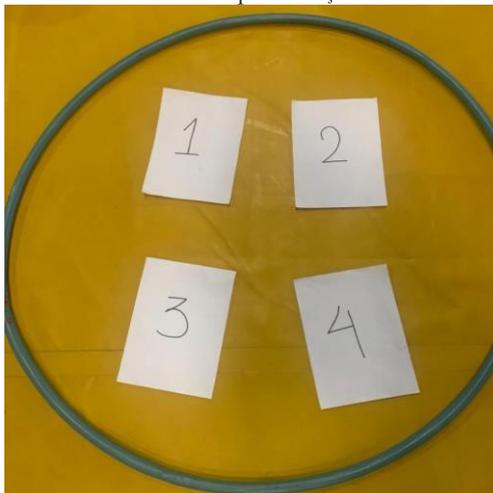
Assim, para dar continuidade ao processo coreográfico, as crianças eram levadas a realizar esses movimentos dentro de estações. Cada estação era composta por um PBM, como ilustrado na Figura 1 (Estação das Rotações) e Figura 2 (Estação dos Deslocamentos). Num segundo momento, cada criança deveria escolher uma ação de cada estação.

Figura 1: Estação das Rotações e Representação Gráfica do Rolamento para Frente e Rolamento para Trás.



Fonte: Acervo do Projeto.

Figura 2: Estação dos Deslocamentos e Representação Gráfica da Quantidade de Apoios.



Fonte: Acervo do Projeto.

A partir dessa etapa, objetiva-se potencializar o protagonismo e a participação da criança nas atividades, alinhando-se aos objetivos coreográficos abordados por Scarabelim e Toledo (2015). Com isso, por meio de escolhas específicas dentro dos PBM, as crianças expressam suas facilidades e direcionamentos, permitindo a repetição de um movimento específico e seu aperfeiçoamento técnico. Buscando reforçar a validação das escolhas das próprias crianças, foi desenvolvido o terceiro estágio da metodologia.

Desenho e Registro

O passo subsequente, após a escolha individual dos movimentos, consistiu na representação gráfica realizada pelas próprias crianças. Após selecionarem um movimento por padrão, elas foram orientadas a desenhar suas escolhas em suas fichas

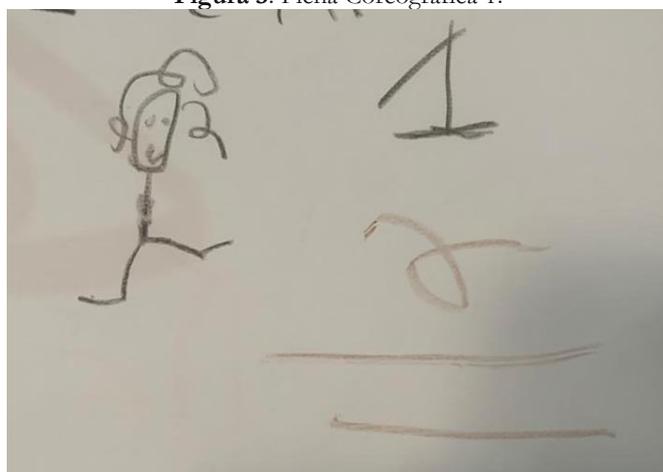
de composição. Esses desenhos registravam os movimentos que iriam compor a coreografia e funcionavam como um suporte para reforçar os aprendizados obtidos em relação aos nomes dos movimentos, representações gráficas e coreografia desenvolvida.

A escolha pelo desenho como metodologia para a composição coreográfica se justifica pelo fato de o desenho ser a forma de expressão simbólica do público infantil (Sarmiento, 2011). De acordo com Braz e Pacheco (2020, p. 62), “o desenho se mostra como abertura para a criança se expressar, representar sua experiência de mundo numa concretização da sua vivência perceptiva entrelaçada ao imaginário” sendo um espaço de compreensão e percepção de conceitos pela criança. Na ginástica, Milani (2020), ao apreender o desenho como um meio de expressão das crianças - visto que também expressa aquilo que não conseguem falar por meio de palavras -, utilizou-o como uma possibilidade de perceber os aprendizados e experiências nas aulas.

Entretanto, é importante compreender que a fase de desenvolvimento das crianças está associada à evolução de seus desenhos. Nesse sentido, conforme Corsi e Augusto (s/d), as crianças entre três e seis anos de idade estão na etapa de garatujas nomeadas e na fase pré-esquemática. De acordo com as autoras (Corsi; Augusto, s/d), a etapa de garatujas nomeadas refere-se ao processo em que a criança começa a descrever seus traçados, além de melhor distribuí-los no papel. Em consequência, a fase pré-esquemática apresenta movimentos reconhecíveis, mas com uma relação subjetiva entre eles (Corsi; Augusto, s/d).

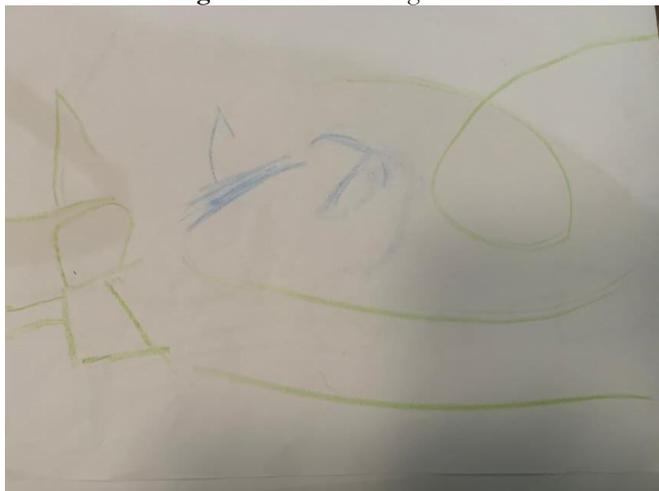
As Figura 3 a 7 representam cinco composições diferentes, de modo que é possível visualizar e identificar os símbolos abordados durante as atividades.

Figura 3: Ficha Coreográfica 1.

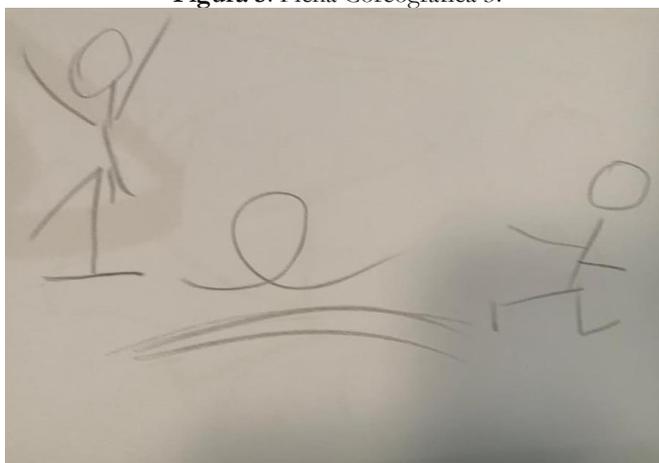


Fonte: Acervo do Projeto.



Figura 4: Ficha Coreográfica 2.

Fonte: Acervo do Projeto.

Figura 5: Ficha Coreográfica 3.

Fonte: Acervo do Projeto.

Sob esse viés, percebe-se que mesmo com as figuras predispostas, as crianças apresentavam diferentes graus de liberdade para registrar em sua ficha, seja pelo uso de cores ou de elementos identificadores. Esse fato pode ser visto na Ficha Coreográfica 1 (Figura 3), na qual o salto afastado foi desenhado a partir de uma boneca com cabelo, permitindo a expressão da criatividade, princípio reforçado e fundamentado em Scarabelim e Toledo (2015). Dessa forma, a criança apresenta sua individualidade e sua identificação com o processo almejado, além de ressignificar e concretizar essa vivência por meio da arte (Braz; Pacheco, 2020).

Observamos na figura 3 que a criança optou por realizar o rolamento para trás com o deslocamento em um apoio e o salto afastado. O mesmo rolamento e deslocamento estão presentes na Ficha Coreográfica 2 (Figura 4).

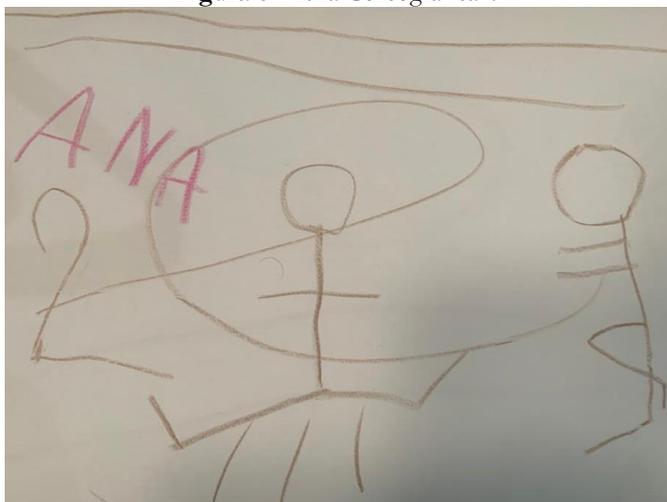
O desenho é um instrumento que permite a expressão comunicativa e pode estar inserido nos processos de ensino-aprendizagem (Passarinha, 2012) sendo uma

possibilidade de sistematizar o que foi apropriado, através da cultura, pela criança (Francioli; Steinheuser, 2020). Nesse caso, durante as atividades de GpT do projeto, recortes da cultura gímnica foram apresentadas e exploradas e estão presentes nas representações infantis.

Francioli e Steinheuser (2020) acreditam que “o desenho, como um recurso pedagógico, auxilia a criança a aprimorar seus conhecimentos e estimula sua capacidade psíquica.” (2020, p. 35) de modo que registram diferentes signos mediadores. Para os autores, ainda, o desenho organiza o pensamento infantil em signos, conceitos e, inclusive, o uso do espaço. Nota-se, portanto, que algumas representações apresentam os símbolos sobrepostos no papel, como o caso da Ficha Coreográfica 4 (Figura 6), onde o rolamento para trás ocupa um espaço significativo da organização.

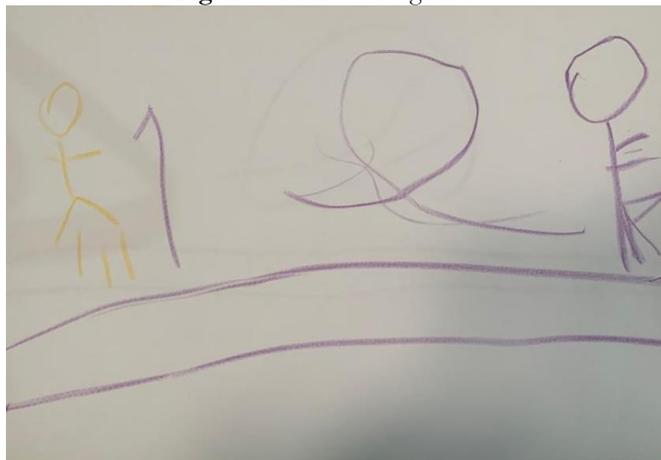
A mesma relação de uso do espaço pode ser observada na Ficha Coreográfica 5 (Figura 7), onde, mesmo com os elementos dispostos em ordem, as linhas horizontais que compõem o rolamento para a frente são desenhadas como um limite, um apoio para os outros símbolos. Esse fato corresponde ao uso do espaço descrito por Corsi e Augusto (s/d), onde, nessa fase de desenvolvimento do desenho, os símbolos não têm relação completa com o todo.

Figura 6: Ficha Coreográfica 4.



Fonte: Acervo do Projeto.



Figura 7: Ficha Coreográfica 5.

Fonte: Acervo do Projeto.

Diante desse contexto, o desenho infantil apresenta formas de apreensão do mundo pela realidade externa e pelo ato de desenhar que representam objetos simbólicos com conteúdos e formas (Sarmiento, 2011). Nesse cenário, a criança apreende símbolos e conceitos da Ginástica para Todos que, para além dos desenhos, serão experienciados no próprio corpo, permitindo o seu desenvolvimento complexo. Desse modo, contribui para a atualização e aquisição do conhecimento (Passarinha, 2012).

De acordo com a experiência de Silva, Silva e Linhares (2019), a intervenção em ginástica para crianças, apresenta sinais de efetividade quando elas externalizam os conhecimentos, seja por reconhecer o nome dos movimentos ou através de desenhos. Essa etapa da composição coreográfica constrói uma relação entre o desenvolvimento cognitivo e físico interligado ao processo de ensino-aprendizagem da GpT. Além disso, organiza o pensamento infantil sobre os conteúdos da GpT a partir de uma importante linguagem de expressão da criança. Com tal construto, firma-se subsídios para a próxima etapa almejada, o ensaio.

Conclusão

Ampliar as discussões sobre as composições coreográficas na Ginástica para Todos é um campo de possibilidades que perpassa, sobretudo, as particularidades de cada contexto. Nesse caso, ao focar em um cenário de Projeto de Extensão para crianças de três a cinco anos, torna-se necessário explorar e discutir as propostas de atuação.

Sob esse viés, este estudo apresenta uma proposta pedagógica fundamentada nas vivências e experiências no Projeto, considerando que essa proposta cumpriu com os objetivos solicitados para a coreografia apresentada. Ou seja, possibilitou que as

crianças aprendessem uma variedade de movimentos gímnicos, compreendendo tanto seu nome técnico quanto sua representação gráfica, unindo-os em um material que sintetiza a aprendizagem.

Desse modo, a partir das quatro etapas propostas (Exploração e Vivência; Escolha de movimentos; Desenho e Registro; Ensaio), percebe-se que as crianças foram participantes ativas da montagem de sua coreografia, contribuindo para a motivação, pertencimento, identificação com a atividade e interiorização de aprendizados.

Apresentar e refletir sobre essa proposta gera repertório para qualificar os processos e métodos coreográficos para crianças pequenas na GpT. Nessa perspectiva, mesmo com possibilidades de melhoria, a construção coreográfica a partir da representação gráfica por meio dos desenhos, com movimentos escolhidos pelos(as) participantes, utilizados para memorização e criação de uma linguagem comum com a turma, emerge como uma metodologia viável e significativa para esse contexto.

Referências

ALMEIDA, Fernanda de Souza; ANDRADE, Carolina Romano de. Dançar com a criança: um olhar para a composição e criação em dança com a pequena infância.

Revista Científica/FAP, v. 15, n. 2, 2016.

ANTUALPA, Kizzy Fernandes; SANTOS, Emilena Sousa; LIMA, Letícia Bartholomeu de Queiroz; NASCIMENTO, Vitória Lima. A ginástica para todos e a Bahia que não se vê. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 01-18, 2021.

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003. p. 94.

BAHU, Ligia Zagorac; CARBINATTO, Michele Viviene. Extensão universitária e Ginástica para Todos: contribuições à formação profissional. **Conexões**, v. 14, n. 3, p. 46-70, 2016.

BRAZ, Suzane Costa Lopes; PACHECO, Lilian Miranda Bastos. Desenho, infância e representação. **Enlaces**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 60–72, 2020.

CARBINATTO, Michele Viviene; FURTADO, Lorena Nabanete Reis. Choreographic process in gymnastics for all. **Science of Gymnastics Journal**, v. 11, n. 3, p. 343–353, 2019.

CARBINATTO, Michele Viviene; HENRIQUE, Nayana Ribeiro; PATRICIO, Tamiris Lima. Se-Movimentar ginástico: um olhar fenomenológico sobre o processo de ensino e aprendizagem da ginástica. **Educação e Pesquisa**, v. 49, p. 1-16, 2023.

CARVALHO, Kássia Mitally; MENEGALDO, Fernanda Raffi; SCARABELIM, Maria Letícia Abud; TOLEDO, Eliana de; SCHIAVON, Laurita Marconi. M. A composição coreográfica nas produções acadêmico-científicas de ginástica para todos. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 3, p. 1–17, 2021.

CONTESSOTO, Gabriela Simoneti de Moraes; MENEGALDO, Fernanda Raffi; PATRICIO, Tamiris Lima. BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para Todos e corpos experientes: um diálogo entre a ginástica e outras práticas corporais. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 57–63, 2021.

CORRÊA, Lionela da Silva; VERDE, Evandro Jorge Souza Ribeiro Cabo; SOARES, Artemis de Araújo; CARBINATTO, Michele Viviene. Composição coreográfica em ginástica para todos: uma experiência amazônica. In: XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E IX CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2021. p. 1-3.

CORREIA, Catia Campos; LUCENA, Nacyra Yiburi Fernandes. Desenho na avaliação pedagógica e psicopedagógica. **Ciência Atual–Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José**, v. 7, n. 1, 2016.

CORSI, Graciela; AUGUSTO, Silvana. **O desenho infantil é espontâneo ou cultivado**. São Paulo: Instituto Superior de Educação Vera Moniz, s/d.

DIAS, Fabrízia Miranda de Alvarenga; RODRIGUES, Daniele Fernandes; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros. Uma análise sobre o entrelaçamento entre memória e aprendizagem: estudo de caso. In: COSTA, Elson Ferreira (Org.). **Psicologia em foco: Temas Contemporâneos**. Editora Científica Digital, 2020.

FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza; STEINHEUSER, Débora Buss. O desenho como atividade da imaginação e criação na infância. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 33, n. 1, p. 29–52, 2020.

LOPES, Priscila; NIQUINI, Cláudia Mara; LEAL, Juliana Helena Gomes. Extensão Universitária em tempos de pandemia: experiências com a ginástica para todos na perspectiva freiriana. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, v. 11, n. 1, p. 701-706, 2023.

MALDONADO, Daniel Teixeira; SOARES, Daniela Bento; SCHIAVON, Laurita Marconi. Educação Física no ensino médio: reflexões e desafios sobre a tematização da ginástica. **Motrivivência**, v. 31, n. 60, p. 01-19, 2019.

MARCASSA, Luciana. Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas. **Pensar a Prática**, v. 7, n. 2, p. 171–186, 2006.

MARQUES, Ana Silva; XAVIER, Madalena. Criatividade em dança: concepções, métodos e processos de composição coreográfica no ensino da dança. **Revista Portuguesa de Educação Artística**, v. 3, p. 47-59, 2013.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho.

Ginástica para todos e coletividade: nos meandros da literatura científica.

Motrivivência, v. 32, n. 61, 2020.

MILANI, Camila Sanchez. **De ponta-cabeça**: impactos das aulas de ginástica para crianças na extensão na FEF-Unicamp. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, 2020.

MULLER, Rachel Zuchna; TAFNER, Elizabeth Penzlien. Desenvolvendo o ritmo nas aulas de educação física em crianças de 3 a 6 anos. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 3, n. 11, 2007.

NEIRA, Marcos Garcia. Análise e produção de relatos de experiência da educação física cultural: uma alternativa para a formação de professores. **Textos FCC**, v. 53, p. 53-103, 2017.

OLIVEIRA, Mauricio Santos; MEIRELLES, Mirelli Cunha. Moqueca batucada: elaboração coreográfica na ginástica para todos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 29, n. 4, 2021.

PARRACHO, Vasco. **Metodologia de memorização através de propostas gráficas**. 2011.132 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Artes Visuais). Universidade de Lisboa, 2011.

PASSARINHA, Joana Margarida Hilário. **O desenho como suporte de aprendizagem no contexto de jardim de infância**. 2012. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico). Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal, 2012.

PATRICIO, Tamiris Lima; CARBINATTO, Michele Viviene. Merleau-Ponty e ginástica para todos: repensando paradigmas na educação física/esporte. **Conexões**, v. 19, n. 00, p. e021025, 2021.

ROBLE, Odilon José. A ginástica geral nos limites do instituído. *In*: II FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL. **Anais [...]** Campinas: Unicamp, 2003. p. 35.

ROCHA, Braulio. Ginástica Geral: diagramação das formações coreográficas. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL. **Anais...** Campinas-SP: 2001, p. 49.

ROSA, Suzana Pacífico; PINHEIRO, Agatha Gomes; DIAS, Franciny dos Santos; SILVA, Paula Cristina da Costa. O processo de composição coreográfica em ginástica geral em um projeto de extensão universitária para crianças. *In*: XVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Anais [...]** Brasília: UnB, 2013. p. 1- 3.

RUSSEL, Keith. **Gymnastics foundations**. Canada: Ruschkin Publishing, 2010.



SANTOS, Thyago Thacyano. de Souza dos; NOBRE, Juliana Nogueira Pontes; NIQUINI, Claudia Mara; LOPES, Priscila. A Ginástica Para Todos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Conexões**, v. 16, n. 4, p. 450–467, 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. *In*: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias; FARIA, Ana Lúcia Goulard de (Orgs). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011, p. 27-60.

SCARABELIM, Maria Letícia Abud; TOLEDO, Eliana. Proposta de criação de uma ficha analítica de composições coreográficas na ginástica para todos: primeiros ensaios. **Conexões**, v. 13, p. 181-196, 2015.

SILVA, Raynara Rodrigues da Cruz; SILVA, Taisa Rocha Gomes; LINHARES, Renata. Ginástica para Todos na Educação Infantil. *In*: JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE GOIÁS, **Anais [...]** Goiânia: v. 1, n. 2, p. 47-51, 2019.

SILVA, Yuri. Ginástica geral: um processo de construção coreográfica com crianças. *In*: TOLEDO, Eliana; SILVA, Paula Cristina. (Org.). **Democratizando o ensino da ginástica**: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. Várzea Paulista: Fontoura, 2013. p. 97-120.

SOUSA, Carla Thais de; REIS, Lorena Nabanete dos. O processo de composição coreográfica no Grupo Gymnarteiros - um relato de experiência. **Revista Encontros Universitários da UFC**, v. 1, n. 1, p. 5292, 2016.

SUÁREZ, Daneil H. Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar. **Educación em Revista**, v. 27, n. 1, p. 387-416, 2011

TOLEDO, Eliana de; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviene. Fundamentos da Ginástica para Todos. *In*: Myrian Nunomura. (Org.). **Fundamentos das Ginásticas**. 2 ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016, p. 87-101.

Recebido em: 11/11/2023

Aprovado em: 23/02/2024

Publicado em: 23/04/2024